

PELOS TUBERCULOSOS POBRES

Visita ao Sanatório São Paulo, de Campos do Jordão — A estrada de rodagem até Pinda — Frio em expectativa — A subida da serra — O valle do Parahyba — Cadeiras preguiçosas, de lona e vime, abertas para o sol nas manhãs claras — Onde se irá buscar saúde — Palestra com a presidenta do Sanatório — Campos do Jordão.

Por convite do Sr. Elia Mendes Abreu e Noemia B. Bierrembach, respectivamente presidente, thesauraria e secretária do Sanatório São Paulo, de Campos do Jordão, subiram ante-hontem desta capital para aquella estância climática algumas pessoas, entre as quaes notavam-se as seguintes: sr. dr. Plínio Barreto, sr. dr. Orlando Drumond, Muzel, sr. dr. Renato Maia, sr. Aracy Cajado de Oliveira, senhorita Isabel Souza Carvalho, varios cavalheiros representantes da imprensa e outros convidados.

A subida foi do largo da Sé, poucos minutos antes das seis horas. O sol preguiçoso deste fim de Junho frio nem dava mostras de querer aparecer. A madrugada, agora, era apregoadada pelos jornalheiros, que principiavam a percorrer as ruas e espalhavam badaladas pela cidade. Não fosse isso, o fiado da manhã, ninguém seria capaz de imaginar as horas certas, que ainda havia estrelas pelo céu obrigando os pharões dos automóveis a se conservarem acce-

Porque se tinha caminhado e os carros foram obrigados a primeira parada. É que, como não acontecer, as portellas da Inglaterra estavam impedindo o tráfego pela avenida Rangel Pestana, e obrigando os homens a pensarem na fragilidade das boas intencões, que se foram o chão todo do inferno, enchemos também a vista dos mortuos do portellas implicantes.

Finalmente, os trens terminam o vae-vem da manobra e nós vamos continuar o caminho. Mais adiante, a subida de São Paulo, com a esgraffina da Penha de portas abertas para a devoção dos fiéis. Nossa senhora é quem lhe sabe as penas... E elles vêm de longe, de todas as partes, buscando a protecção do seu marcialmo.

Kilometros e kilometros de estrada larga, boa, tenção difficil para o bom senso dos motoristas. O accelerator abate insensivelmente, e no velocimetro a flla vai passando oitenta, noventa e cinco, noventa e cinco, noventa e cinco. Para ter mais prazer, alguém lembra, que se estoura um pneumatico ou se rebenta o pino da direcção... E deixa a phrase suspensa com umas reticencias amezadoras.

Com kilometros! — Ah! se apparece um inspector de vehiculos... Então, o "chauffeur" tira o pé do accelerator para acalorar o breque. Como homem, acredita muito mais na camaraçagem do destino do que na dos proprios semelhanças...

Sets horas e dois minutos. Estamos em Moys das Cruzes. Nas ruas ainda illuminadas a electricidade (ahi sol malandro, que não escurta ou escurte!) há bastante movimento.

Por onde é a subida para o Rio?

Rua Coronel Souza Franco. Logo adiante, uma flechta mostra-nos o caminho a tomar. Estrada de novo. A esquerda, E. logo, encostando no céu, a serra da Mantiqueira, com as suas elevações tenues e arredios. O dia vai clareando pouco a pouco. O céu, agora, é um azul leve, a temperatura, aqui e alli, amebados de nuvens brancas.

Nas margens da estrada larga, succedem-se as montanhas, com a differença de minutos. Não se anda um quarto de hora sem que appareça alguma habitação. Surgem vehiculos a cada instante. As chapas diferentes mostram a prevenção diversa de cada um. Estes vão no mesmo sentido em que nós; aquelles vão a cidade, e outros em sentido contrario. É domingo e a manha clara convidava a excursions. E enquanto isso os "klaxons" e os escapamentos, enchendo os campos de uma alegria barulhenta, vão afugentando o silencio das estradas de São Paulo.

Oito horas. Jacarehy. E por que, quando se fala em Jacarehy pensa-se logo em queijos e biscotes, o-nosso estomago pede qualquer coisa. Foi facil satisfazerlo, pois as directoras do Sanatório São Paulo tinham preparado um "brunch" farto e sortido para a comitiva.

Os marcos informam que a primeira cidade a que se vae chegar agora é São José dos Campos. Também ahi logo de manha cedinho, as cadeiras preguiçosas, de lona e vime, abrem-se para o sol forte, os doentes respiram, festivamente, a plenos pulmões, um ar puro e bom, rico em oxigenio.

Rectas interminaveis psem o horizonte lá longe. Tem-se impressão de cansaco, de que a viagem não termina nunca mais! É que as rectas contínuam e o horizonte vae-se afastando sempre para lá, cada vez mais para lá.

Estação Eugenio de Lima. Faltam quinze minutos para as nove. Mas um pouco e entramos em Caçapava.

São nove e quinze, e estamos em Taubaté, cuja cidade é atravessada em todo o seu comprimento para se entrar na estrada de novo. Infelmente a Prefeitura local deixa que justamente essa rua se apresente toda esburacada. Mas, a manha está lá clara e ha tanta fé na natureza que se tem pouca disposição para falar mal da vida aliela. Procura-se mesmo uma desculpa, embora esfrapada:

pectores de estradas, que quem ver os documentos do "chauffeur". E como estes estão em ordem, elles dão licença para continuar, não sem antes lembrar os motoristas de que ha uma porção de companheiros espalhados pelo caminho.

Nada de excessos... Finalmente, os marcos annunciam Pindamonhangaba. Faltam tres kilometros. A cada novo marco o contentamento augmenta. Os nossos olhos fazem alguns prodigios para ver logo os que vão apparecendo. Faltam dois kilometros, e, depois, o ultimo:

"Pinda. Um kilometro." Um minuto.

Em Pindamonhangaba, ha meia hora para o café e para se lavarem as mãos e a cara, e chelas de pó. Toma-se tambem um cafezinho.

Todos estão de capotes e luvas grossas. Conta-se que em Campos do Jordão o mercúrio dos thermómetros nunca enfiá subir acima dos dois graus... Um mais estubido descreve a gente, que se estende sobre todos os campos como um immenso lençol branco.

Mas, o tremalmo vai subir e se resolve que é inutil estar fazendo conjecturas. Pensa-se em calor — e está prompto! São dez horas e vinte minutos.

De Pindamonhangaba sobe-se para Campos do Jordão nos trens electricos da Estrada do Ferro Campos do Jordão. É uma viagem de duas horas e quarenta e seis kilometros. Principia-se a subir a serra no kilometro 20, numa altitude de 604,208 metros, em Piracama. Em seguida, vem a estação de Eugenio Lefèvre com 1.622 metros de altitude mais ou menos. Sobem-se, ainda, e choga-se ao alto da serra a 1.744 metros. Começa-se, então, a descer um pouco, e succedem-se as estações de Assumpção, Vila Jaguaribe e Capivary, finalmente, todas com 1.600 metros aproximadamente.

Logo no inicio da viagem, pedimos a Sr. Beatriz Cintra Ferreira, que nos contasse alguma coisa sobre o seu Sanatório. Seu sim, porque se o sanatório São Paulo nasceu da sua bondade aliada a de d. Elia Mendes Abreu, teve-a até hoje, dia a dia, hora a hora, sempre pensando e agindo no sentido de ver o grande ideal tornado realidade.

"Estou contenta com esta viagem e porque os senhores acceitaram o nosso convite. Graças a elle vão ver o que já conseguimos, mas sobretudo o que pretendemos realizar ainda.

No principio, quando Elia Mendes Abreu e eu, que conheciamos Campos do Jordão, sabiamos da excellencia do seu clima e vimos que os doentes ahi não tinham nada, nada, pois faltavam todos os recursos necessarios, pensamos em construir um sanatório, se é verdade que o ideal que levavamos comosco conseguiu desde logo molhar todos os campos que eramos capazes, é verdade tambem que nos arreceamos de que o nosso ideal morresse sonho apenas. Quanto aos contos eram necessarios? Que plano se tornava preciso e quem o organizaria? Teriamos força, apesar de toda a nossa fé, o não seria empresa muito ariscada para levar avante? Mas, não havia em Campos do Jordão um unico sanatório! Aos doentes faltava tudo, tudo!.. E mettemos mãos á obra.

Isso foi em fins de 1926. Communicamos, então, aos Drs. Clemente Ferreira e Rezende Pinheiro esse nosso ideal, pedindo-lhes que acceitassem ser os directores clinicos do sanatório em projecto ao que ellas acceitaram bondosamente. Em seguida, obtivemos a collaboração de d. Noemia Bueno Bierrembach, até agora nossa secretaria e que tanto tem trabalhado comosco.

Finalmente, no dia 13 de Abril de 1927 lavramos a escritura, na qual se dizia o programma geral da nova instituição, a quem ficaria entregue a responsabilidade os seus directores clinicos, tudo, enfim, que lhe interessava á vida interna e externa. E, em seguida, organizamos o Conselho consultivo, constituído destes senhores que acceitaram bondosamente o nosso convite: dr. Abramo Ribeiro, Alexandre Albuquerque, Diogo de Carvalho, Djalma Fojas, Teodoro Assumpção, Francisco Laraya, Heitor Ponteado, Jorge Street, J. A. Pereira de Rezende, J. Carlos de Macedo Soares, J. Castello de Mello Soares, José Maria Wtaker, Plínio Barreto e Roberto Simonson.

Finhá-nos dado o terreno o dr. José Carlos Macedo Soares. Restava apenas abrir o Livro de Ouro e iniciar as obras. Restava apenas. Faltava que se tudo, como vê. Mas, fomos para diante, porque era preciso ir para diante... O traço foi aberto por Elia Mendes Abreu e por mim, que subscrevemos quarenta contos. Depois, nós o entregamos á bondade da nossa gente...

E d. Beatriz Cintra Ferreira, enquanto tomavamos as nossas notas foi convidado com o commoço as bolsas caritativas que encontrou, o cê forte e prompto que respondeu ao appello.

— Ha tanta gente boa, tanta! Ohe, no principio — eu uma vez já lhe la dizendo isto — pensamos fazer uma coisa pequena, de pequenas proporções. Mas, pouco e pouco, á medida que os dias passavam e se succediam os gestos caridosos, o ideal foi cres-

cendo. Os horizontes se alargavam e já não queriamos só um pavilhão.

E d. Beatriz contou-nos o plano actual. Dentro em breve será inaugurado o primeiro pavilhão, com lotação para oitenta doentes. No principio só haverá logares para cinquenta, pois apenas um dos seus lados ficará concluido. Depois deste pavilhão virão outros, confortáveis á caridade publicica for permittido.

— A planta geral, organizada pelo dr. Amador Cintra do Prado, e que já está sendo executada pelo dr. Alexandre Albuquerque, comporta mais um pavilhão para homens, e outro, especie de ambulatório, com todos os apparatus necessarios e que servirá para os doentes de fora que dolo se quiserem utilizar. Inveirá ainda uma série de quartos para doentes contribuintes, sendo que estes é que vão ajudar a custear a manutenção dos pobres. Do mais, o coração grande da nossa gente, sempre prompto a se abrir para os interesses se incumbirá bondosamente. Elle, que já nos deu cerca de quinhentos e cinquenta contos, nos dará o resto de que necessitamos e nos auxiliará depois a ajudar a essa porção de doentes pobres, que estarão, remedialmente perdidos não fosse o ar puro, a alimentação sadia e os methodos hygienicos que o Sanatório lhes vae proporcionar, graças ao que poderão, um dia, regressar de novo para a vida fortes e saões. Combateremos tuberculose, auxiliando a cura daquelles doentes cujo organismo não esteja ainda tomado de todo pelo mal. Sem cuidados a sem um tratamento especial entrariam fadados a parecer com certos. Nós o ajudaremos a viver.

Não é magnifico o ideal a que se propõe o Sanatório S. Paulo? — Sim, magnifico ou mais do que isso. O Sanatório S. Paulo e é demais que se esteja construindo em Campos do Jordão viera marcar o inicio de uma nova era para a cura da tuberculose em S. Paulo. Antes d'elles nada se tinha feito de rigorosamente scientifico no sentido de aproveitar o clima incomparavel de Campos do Jordão. Agora, o governo já criou a prefeitura sanitaria naquella estância climática. É pouco ainda, mas já duvidamos que dentro em breve, iniciativa particular publicica, auxiliada pelos poderes publicos, não fará fazer muito mais. A obra humanitaria já está começada!

Estamos no kilometro vinte. Piracama. A subida vae com calma. Falta pouco para as onze horas.

O dr. Orlando Drumond Muzel, actual director da estrada, conta-nos pormenores sobre a mesma. É todo construído em caracol, seguindo a serra, e foi propriedade a principio de uma companhia chefiada pelos drs. Eugenio Lefèvre e Victor Godinho, que depois de obterem um privilegio do governo construíram os primeiros, não podendo, entretanto, fazer os seus trafegar. Em 1914 ella foi encampada pelo governo federal. Principiaram, então, as obras, os carros a gasolina, substituídos, em 1924, pelos electricos actuaes.

Agora, porém, já ninguém quer ouvir explicções technicas. Todos preferem ver, vêr apenas, e se debruçam nas janellas que se abrem para o valle do Parahyba. E os olhos se escanceram, e as exclamações vêm umas em cima das outras!

De cima divisam-se tres cidades, que apparecem como pequenas manchas brancas no tapete verde que se estende pelos campos e pelos morros afóra: São Pinda, Tremembé e Taubaté. Pensa-se, lá de cima, que não se vê outra apenas a distancia de poucos metros.

Respira-se á largos haustos. Ha um cheiro bom, de capim gordura espalhado pelo ar. O dia ensolarado deixa vêr bem claro até ao horizonte mar do mundo. Em baixo ha o valle enorme, com o Piracama serpenteando por entre a relva. E as ondulações da serra da Mantiqueira continuam para lá, e vão subindo, subindo, até encostarem no céu, pouco menos azul do que ellas.

Continuamos a viagem. Em Eugenio Lefèvre desceu-se um pouco para vêr as installações electricas da Estrada, onde se transforma uma corrente alterada de trinta mil volts em corrente continua de 1.500 volts. A força vem da usina de Santa Isabel, onde ha uma queda de agua aproveitada de 905 metros, terceira do mundo e primeira da America do Sul em altura.

1.743 metros de altitude, temos no ponto mais alto da serra. O frio tão temido não se faz sentir com exagero. Mas ha quem affirme que a comitiva está com muita sorte...

Começa-se então a descer. Mais um kilometro e o trem pára para descermos. É o Sanatório São Paulo, que se vê numa elevação pouco adiante.

O que vimos nesse Sanatório, bem como nos outros em construcção, fica para uma proxima nota. Ahi contaremos tambem alguma coisa sobre a vida de Campos do Jordão, com as suas villas, as suas construcções diferentes — aqui casas de aldeias cahindo aos pedaços, ahi habitações modestissimas, finalmente, com os seus doentes, os seus militares de doentes, que vivem em clima daquelles morros altos, sob aquelle céu azul, organizando passeios e folgadas, promovendo cavalharias e indo, todas as tardes e todas as manhãs, á estacozinha pequena e alegre, esperar o trem que lhes traz noticias e gentio do resto do mundo.